



Como Preparar os Militares para a Incerteza

Ten Cel Jonathan Due,
Maj Nathan Finney e
Maj Joe Byerly, Exército dos EUA

Não há dúvida de que novas tecnologias, técnicas e capacidades táticas recentes, tendências geopolíticas e estratégicas e o caráter dos conflitos contemporâneos afetam, consideravelmente,

nosso entendimento da profissão militar. Contudo, a natureza constante e os princípios geralmente aceitos da guerra provêm de fontes consagradas, algumas oriundas da Antiguidade, particularmente as obras

Militares de diferentes companhias de engenharia atravessam uma cortina de fumaça a fim de alcançar e vasculhar um edifício, durante competição no Forte McCoy, Wisconsin, 06 Mai 12.

(Foto do 1º Sgt Michel Sauret)

clássicas de Tucídides e de Carl von Clausewitz. Ambas essas célebres figuras do campo da teoria militar podem ajudar a elucidar um elemento da guerra que o Exército precisa enfrentar, conforme se prepara para os atuais e futuros desafios: a incerteza.

O Campo da Incerteza

A incerteza é um fator que está presente em tudo o que as Forças Armadas precisam realizar na qualidade de agentes da vontade nacional. Os efeitos da incerteza — medo, confusão e fricção — são particularmente evidentes em combate. Nossos líderes estratégicos, operacionais e táticos reconhecem a presença generalizada da incerteza. Reconhecem que a guerra sempre existiu dentro de sua esfera, conforme expresso nas conhecidas palavras de Clausewitz: “A guerra é o domínio da incerteza. Três quartos dos fatores em que baseiam-se [sic] os combates na guerra estão envoltos numa névoa de maior ou menor incerteza”¹.

Os comandantes do Exército sabem que precisam preparar as tropas para enfrentar a incerteza ao longo de toda a gama de operações militares. Este artigo examina como realizar esse preparo, de modo que as tropas do Exército estejam aptas a prevalecer nos conflitos armados. A preparação para o combate deve incluir uma formação e autodesenvolvimento rigorosos, aliados a uma instrução que confira aos militares uma letalidade inigualável no âmbito da Unidade.

A obra de Tucídides sobre a Guerra do Peloponeso não trata da incerteza de maneira explícita. Entretanto, o conceito permeia toda a obra: na morte imprevista de Péricles, causada pela peste, e no novo caráter do regime ateniense, evidente no Diálogo Mélio e na expedição da Sicília, por exemplo².

Em *Da Guerra*, Clausewitz é mais explícito ao tratar da incerteza. Ao examinar a natureza humana da guerra, afirma: “Embora a nossa inteligência anseie sempre por clareza e por certeza, muitas vezes a nossa natureza acha a incerteza fascinante”³. Ao longo de todo o texto, Clausewitz demonstra que a guerra é o mais incerto de todos os empreendimentos humanos⁴. Em vários aspectos, os debates recentes sobre complexidade nas operações militares poderiam ser considerados debates sobre a névoa, a fricção e o acaso inerentes à guerra⁵. Em outras palavras, a ideia de *complexidade* é uma forma de reconhecer a incerteza inerente a toda atividade humana, sendo a guerra a mais perigosa e

violenta atividade possível — não só por envolver a vida e a morte, mas, como observa Clausewitz, porque:

A guerra não é [...] a ação de uma força viva contra uma massa inerte [...] mas sempre o choque de duas forças vivas [...] Enquanto eu não tiver derrotado o meu oponente, estarei fadado a temer que ele possa me derrotar.

Assim, não estou no controle da situação. Ele se impõe a mim do mesmo modo que eu me imponho a ele⁶.

Nesse trecho, Clausewitz discute como a força física, assim como o medo da força física de um adversário, leva à incerteza. Todo militar que tenha assimilado a cultura de “obter, manter e explorar a iniciativa” do Exército dos EUA deve considerar a observação do teórico prussiano⁷. Essa interação não linear e dinâmica faz com que o desenrolar do conflito não seja “a mera seqüência de intenções e ações de cada adversário, mas o padrão ou forma gerados por intenções mutuamente hostis e ações simultaneamente consequentes”⁸.

Em outras palavras, a guerra é um choque de vontades entre dois inimigos pensantes. A vantagem de um sistema de armas ou de uma tática é rapidamente neutralizada por uma arma ou tática oposta, desenvolvida pelo inimigo, à medida que esse “choque” se desenrola em todos os níveis da guerra, até que os beligerantes possam chegar a uma resolução por meio da aniquilação ou da exaustão⁹.

A Competência Necessária para Garantir a Prontidão

A capacidade do Exército para adestrar homens e mulheres para a guerra está intrinsecamente ligada ao orçamento dos Estados Unidos da América (EUA) e, atualmente, o país assiste, mais uma vez, a cortes orçamentários, que afetarão a forma pela qual a Força prepara as formações. A redução de verbas para a instrução significa que o Exército precisa ser criativo e ponderado ao estabelecer prioridades e padrões nessa área. Uma coisa é certa: os militares precisam entender a incerteza e como mitigá-la. O Exército pode apoiar seus militares oferecendo uma instrução que lhes permita desenvolver sua competência em três áreas principais:

- ◆ A história da guerra
- ◆ Como adaptar-se à incerteza
- ◆ O emprego de sistemas de armas e equipamentos

Da abordagem padronizada utilizada pelo Exército dos EUA durante a Guerra Fria à atual combinação *ad hoc* de instrução que a Força utiliza para as operações de contrainsurgência e estabilização, o fator incerteza como componente da preparação das tropas para a guerra passou por períodos de maior ou menor importância. Como instruir e ensinar para a incerteza na guerra deve ser um dos principais temas do desenvolvimento de líderes.

Competência na história da guerra. O estudo da história da guerra não significa ter de ler o livro favorito de um comandante, da época em que era tenente, embora esse possa ser um ponto de partida. Em vez disso, os comandantes e subordinados devem adotar uma abordagem planejada e disciplinada com respeito ao autodesenvolvimento. Esse aspecto da formação deve receber a mesma ênfase do superior que a manutenção, as pistas de instrução situacional e a técnica de tiro. Muito já se escreveu sobre o autoestudo planejado, incluindo o artigo clássico “Use and Abuse of Military History” (“Uso e Abuso da História Militar”, em tradução livre), de Sir Michael Howard¹⁰. Howard recomenda três regras:

Primeiro, estudar de maneira *ampla*. [O historiador] deve observar a forma pela qual

a guerra evoluiu no decorrer de um longo período histórico [...] Em seguida, precisa estudar em *profundidade*. Deve selecionar uma única campanha e analisá-la em detalhe [...] até que o contorno bem definido se desfça e ele vislumbre a confusão e o horror da experiência real. [...] Por fim, precisa estudar em *contexto*. As campanhas e batalhas não são como jogos de xadrez ou partidas de futebol, conduzidas com total distanciamento de seu ambiente, segundo regras estritamente definidas [ênfase nossa]¹¹.

A guerra deve ser compreendida em seus contextos histórico, social, cultural, econômico, humano, moral, político e psicológico, porque “as raízes da vitória e da derrota devem ser buscadas, muitas vezes, longe do campo de batalha”¹². Estudar as guerras sem atentar ao seu contexto levará a uma visão superficial do tema, com lições e conclusões isoladas de seu devido ambiente.

O estudo disciplinado da história da guerra cultiva importantes habilidades de pensamento crítico, que ajudam os profissionais militares a lidar com a incerteza nos conflitos e com o desafio da mudança institucional. Como ressalta Williamson Murray, a história

oferece aos “profissionais militares um entendimento de como pensar sobre problemas difíceis, como lidar com a incerteza e como se preparar, ao longo da carreira, para as funções de responsabilidade que, inevitavelmente, terão de assumir”¹³.

Além disso, segundo Paul Van Riper, as experiências indiretas, proporcionadas pelo estudo da história militar, permitem que os “profissionais do combate identifiquem padrões conhecidos de atividade e desenvolvam, mais rapidamente, soluções potenciais para problemas táticos e operacionais”¹⁴. É



Militares norte-americanos executam treinamento virtual em formação de comboio, em Baumholder, Alemanha, 08 Feb 08.

(Foto de Ruediger Hess, Especialista em Informação Visual)

justamente por isso que os militares precisam estudar a guerra, sua teoria e suas instituições militares de maneira minuciosa e crítica¹⁵.

Um entendimento profundo, amplo e contextual da história fornece a perspectiva necessária para compreender e avaliar a teoria e a natureza da guerra. Um exemplo de um programa de autoestudo que inclui a ênfase na história militar consta do guia “Maneuver Self-Study Program” (“Programa de Autoestudo sobre Manobras”, em tradução livre), criado no Forte Benning, no Estado da Geórgia. Esse programa complementa o ensino profissional militar com um curso bem formulado, que pode ajudar os comandantes em sua trajetória pessoal rumo a um entendimento mais amplo, profundo e contextual da guerra e suas teorias¹⁶.

Competência em adaptar-se à incerteza. O estabelecimento adequado de uma defesa é um tema importante, que deve ser ensinado. Contudo, a capacidade de adaptar um plano em resposta a uma nova crise ou para tirar proveito de um ganho imprevisto é ainda mais importante. Conforme observa Williamson Murray, a “adaptação demanda a mudança contínua e incessante, porque a própria guerra nunca permanece estática, mas engloba as complexidades apresentadas pelos seres humanos envolvidos em sua tentativa de sobreviver¹⁷”. À medida que estudarem a guerra e refletirem sobre suas próprias experiências em combate, os oficiais provavelmente chegarão à conclusão de que situações em que outros comandantes foram obrigados a tomar decisões rápidas diante de informações conflitantes ou da perda de comunicação com o comando superior eram mais comuns que ações defensivas ou ofensivas perfeitamente executadas.

Uma forma de preparar comandantes para o combate é criar cenários em que a fricção e a incerteza sejam os pilares do exercício. Isso pode ser facilmente realizado com a introdução dos seguintes elementos: informações imperfeitas, prazos apertados, relatórios contraditórios, mudanças rápidas nas operações, perda de comandantes-chave, privação do sono, dilemas éticos e questões de manutenção e logística. As unidades e os comandantes devem ser avaliados segundo sua capacidade para operar efetivamente nessas situações. Após a execução, os instrutores devem conduzir análises pós-ação detalhadas para discutir os exercícios. Questões formuladas antecipadamente, com o intuito de estimular a reflexão dos participantes, contribuirão

para a avaliação. Os avaliadores devem evitar o uso de “mementos” obsoletos, que só servem para simplificar o cálculo de notas. As avaliações precisam ser formuladas de forma tão detalhada quanto os exercícios, para que os benefícios da instrução possam ser ampliados.

Competência no emprego de sistemas de armas e equipamentos. Em sua obra pioneira, “Distributed Manoeuvre: 21st Century Offensive Tactics” (“Manobra Distribuída: Táticas Ofensivas do Século XXI”, em tradução livre), os australianos Justin Kelly e Mike Brennan propõem que a guerra pode ser vista como uma luta dialética entre a ofensiva e a defensiva¹⁸. Descrevem como, assim que uma Força ganha uma vantagem, a outra rapidamente a neutraliza. Acreditam que, como a tecnologia de detecção aumentou tremendamente a efetividade da ofensiva, a defensiva respondeu com as contramedidas tradicionais, como a dispersão e as operações descentralizadas, para operar abaixo do limiar de detecção. Para recuperar a vantagem contra esse tipo de defesa, a ofensiva também precisa descentralizar as operações.

Para o Exército dos EUA, adestrar Unidades letais que possam atirar, movimentar-se e comunicar-se efetivamente em diversos ambientes é algo fundamental para nossa capacidade de enfrentar esse último avanço no confronto entre ofensiva e defensiva. O Exército, sem dúvida, passou anos aprimorando uma abordagem em relação à letalidade e à efetividade, mas perdeu de vista alguns fundamentos ao longo desse processo. O adestramento das Unidades deve englobar muito mais que exercícios de técnica de tiro — que são científicos e previsíveis, mas não levam em consideração a incerteza no campo de batalha. A instrução deve exigir que frações reajam ao desenrolar dos acontecimentos em ambientes múltiplos e adquiram, rapidamente, a superioridade operacional ou de potência de fogo, ao mesmo tempo que limitam as baixas civis na área operacional. Os atuais rodízios de instrução em “ação decisiva” programados para os centros de instrução do Exército decerto rumam nessa direção.

Objetivos do Desenvolvimento de Líderes

Nenhuma dessas abordagens para aumentar o conhecimento e o preparo dos militares para a incerteza funcionará se não houver uma forma de avaliar sua efetividade. Cada componente deve ser avaliado

como parte das atividades normais de desenvolvimento e instrução de liderança. Como parte da orientação de oficiais e graduados, o estudo da guerra deve ser um componente dos objetivos educacionais. Ao redigir as avaliações de liderança, o avaliador deve abordar esses objetivos e determinar se eles foram cumpridos. Da mesma forma, à medida que as frações aumentarem sua capacidade para conduzir operações descentralizadas, seus comandantes devem identificar as falhas, sucessos e lições da instrução. Após eventos de instrução em todos os escalões, os comandantes devem enfatizar as lições sobre o combate e adaptação em um ambiente incerto.

Conclusão

O Exército dos EUA, com frequência, adota o discurso de ressaltar a complexidade dos ambientes em que teve de conduzir o combate durante a última

década, prevendo ambientes ainda mais complexos no futuro. Contudo, para assegurar que os militares estejam preparados para esse futuro, será preciso ir além do mero discurso. O Exército precisa tirar proveito das lições do passado. Como afirma Huba Wass de Czege: “A atividade da guerra nunca foi simples, e os que tentaram, no passado, reduzir essa prática a meras fórmulas foram derrotados”¹⁹.

O Exército precisa achar um ponto de equilíbrio entre a instrução em tarefas e o ensino sobre a guerra. Deve preparar os comandantes, em todos os escalões do Exército — incluindo muitos sem experiência de combate — dentro de ambientes de instrução que reflitam a incerteza inerente à guerra. Ao criar a combinação certa de ensino e instrução, com a incorporação da incerteza, o Exército estará pronto quando chegar a hora de combater e vencer as guerras da nação. ■

O Ten Cel Jonathan Due comanda o 4º/2º Regimento de Cavalaria, em Vilseck, na Alemanha. Possui os títulos de mestre pela University of North Carolina at Chapel Hill e bacharel pela Academia Militar dos EUA, em West Point. É oficial de cavalaria blindada, e suas funções anteriores incluíram comandante de esquadrão, oficial de operações de regimento, e oficial administrativo de regimento.

O Major Nathan K. Finney é estrategista do Exército, baseado na Região da Capital Nacional. Possui os títulos de mestre em Administração Pública pela Harvard University e pela University of Kansas e de bacharel em Antropologia pela University of Arizona. Serviu em missões no Iraque e no Afeganistão.

O Maj Joe Byerly é oficial de cavalaria blindada e aluno do U.S. Naval War College, em Newport, Rhode Island. Comandou um esquadrão de Cavalaria e uma companhia no Forte Stewart, Georgia. É bacharel pela North Georgia College and State University. Foi agraciado com o Prêmio de Liderança General Douglas MacArthur, do Exército dos EUA, em 2011.

Referências

1. Carl von Clausewitz, *On War*, ed. and trans. Michael Howard e Peter Paret (New York: Alfred A. Knopf, 1993), p. 117. [Os trechos da obra *Da Guerra* foram extraídos da tradução do inglês para o português do CMG (RRM) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, a partir da versão em inglês de MICHAEL HOWARD e PETER PARET. — N. do T.]
2. Thucydides, *The Landmark Thucydides: A Comprehensive Guide to the Peloponnesian War*, ed. Robert B. Strassler (New York: Free Press, 1996), 374-376. Um exemplo sobre como Tucídides trata da incerteza seria seu relato sobre as ações fracassadas de Nícias ao tentar impedir a Expedição à Sicília.
3. Clausewitz, p. 97.
4. Alan Beyerchen, “Clausewitz, Nonlinearity, and the Unpredictability of War”, *International Security*, 17, no. 3 (Winter 1992-1993): p. 59-90, <http://www.jstor.org/stable/2539130?origin=JSTOR-pdf&> (accessed 29 October 2014). Beyerchen oferece uma excelente análise de Clausewitz e a não linearidade.
5. U.S. Army Training and Doctrine Command (TRADOC) Pamphlet 525-3-1, *The U.S. Army Operating Concept: Win in a Complex World* (Fort Eustis, VA: TRADOC, 2014), <http://www.tradoc.army.mil/tpubs/pamndx.htm> (acesso em 29 out. 2014). Esta publicação oferece um exemplo de uma discussão formal sobre a complexidade e a necessidade de que as Forças norte-americanas se preparem.

6. Clausewitz, p. 86.
7. Army Doctrine Publication (ADP) 3-0, Unified Land Operations (Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office, October 2011), p. 1.
8. Beyerchen, p. 67.
9. Gordon A. Craig, "Delbrück: The Military Historian", in *Makers of Modern Strategy from Machiavelli to the Nuclear Age*, Peter Paret, ed. (Princeton: Princeton University Press, 1986), p. 341-343.
10. Michael Howard, "The Use and Abuse of Military History", *Royal United Service Institute Journal*, 107 (February 1962), p. 13-14.
11. Ibid.
12. Ibid.
13. Williamson Murray, "Thoughts on Military History and the Profession of Arms", in *The Past as Prologue: The Importance of History to the Military Profession*, eds. Williamson Murray and Richard Hart Sinnreich (New York: Cambridge University Press, 2006), p. 92.
14. Paul K. Van Riper, "The Relevance of History to the Military Profession", in *The Past as Prologue: The Importance of History to the Military Profession*, eds. Murray and Sinnreich.
15. Peter Paret, "The History of War," *Daedalus* (Spring 1971), p. 381-386.
16. "The Maneuver Self-Study Program" (also called the Maneuver Leader's Self-Study Program) is available online at www.benning.army.mil/mssp (acesso em 29 out. 2014).
17. Williamson Murray, *Military Adaptation in War: With Fear of Change* (New York: Cambridge University Press, 2011), p. 310.
18. Justin Kelly e Mike Brennan, "Distributed Manoeuvre: 21st Century Offensive Tactics", *Australian Land Warfare Studies Centre Working Paper No. 134* (Australia: Commonwealth of Australia, 2009).
19. Huba Wass de Czege, "How to Change an Army", *Military Review* (Nov. 1984): p. 34.



Militares norte-americanos transportam "ferido" para um helicóptero de evacuação aeromédica durante exercício no Centro de Adestramento e Aprestamento Conjunto, Forte Polk, Louisiana, 19 Mar 12.

Departamento de Defesa, Especialista Michael Crawford, Exército dos EUA